

14 a 20
de agosto

O CRISTÃO — E A — POLÍTICA



Pr. Jônatas Jardim

O CENÁRIO HISTÓRICO NA ÉPOCA DE JESUS

A nossa cidadania final não tem bandeira terrena, ela está nos céus. Como devemos nos comportar no mundo enquanto aguardamos o Reino de Deus? João 18:36 nos diz: “*O meu Reino não é deste mundo*” e Filipenses 3:20 também nos adverte: “*A nossa pátria está nos céus*”.

Para entender o impacto das palavras de Cristo, precisamos lembrar que a Palestina do primeiro século não vivia em paz. O povo judeu estava sob o domínio de ferro do Império Romano, sofrendo com impostos abusivos, perda de soberania e forte opressão militar. A sociedade estava profundamente dividida em grupos com visões políticas e ideológicas diferentes sobre como resolver esse problema:

- Os Zelotes: grupo composto por radicais de mentalidade revolucionária. Eles acreditavam na luta armada e na violência para derrubar o governo romano. Esperavam um Messias militar.
- Os Herodianos e Saduceus: constituíam a elite que preferia colaborar com o governo romano para manter seus privilégios econômicos e o controle do Templo.
- Os Fariseus: representados por um grupo religioso conservador, que resistia culturalmente a Roma, mas focava no cumprimento rigoroso da lei na esperança de que Deus enviasse a libertação.

É nesse ambiente de panela de pressão política que Jesus começa o Seu ministério. As multidões o seguiam porque pensavam: “Finalmente, um líder com poder para expulsar os romanos e restabelecer o trono de Davi!” Quando Jesus é preso e levado diante de Pôncio Pilatos (o governador romano), Ele é acusado justamente de ser um sedicioso — um agitador político. É aí que ocorre o diálogo crucial de João 18:36: “*O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, peleariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui*”.

Jesus desarmou tanto os romanos quanto os revolucionários judeus. Ele não veio para reformar o Império Romano, nem para estabelecer uma teocracia terrena. Ele veio para inaugurar o Reino de Deus, que opera por leis completamente diferentes: o amor, o serviço, o sacrifício e a transformação de dentro para fora. Jesus decepcionou as expectativas políticas da Sua época: Ele não se aliou a nenhum dos “partidos” da Palestina. Ele não foi nem Zelote, nem Herodiano.



O CENÁRIO HISTÓRICO NA ÉPOCA DE JESUS

Quando tentamos usar a igreja ou a fé para impulsionar uma agenda partidária terrena (seja ela qual for), estamos cometendo o mesmo erro dos judeus do passado: tentando transformar o Reino de Deus em um reino deste mundo. Como bem resumiu o apóstolo Paulo em Filipenses 3:20, nós somos “*embaixadores*”. Um embaixador respeita e trabalha no país onde está, mas a sua lealdade e a sua identidade pertencem à sua pátria de origem. Jesus se recusou a usar o poder da Terra para estabelecer o Reino dos Céus. Ele não veio para tomar os lados de ninguém, mas para chamar as pessoas de todos os lados para o Seu Reino. Como podemos, então, fazer diferente de Jesus nos dias de hoje?

O padrão para o qual olhamos é a pessoa de Cristo, conforme afirma a profetisa em seu relato:

“O governo sob que Jesus viveu era corrupto e opressivo; clamavam de todo lado os abusos – extorsões, intolerância e abusiva crueldade. Não obstante, o Salvador não tentou nenhuma reforma civil. Não atacou nenhum abuso nacional, nem condenou os inimigos da nação. Não interferiu com a autoridade nem com a administração dos que se achavam no poder. Aquele que foi o nosso exemplo conservou-Se afastado dos governos terrestres. Não porque fosse indiferente às misérias do homem, mas porque o remédio não residia em medidas meramente humanas e externas”. DTN, 509

Nos é advertido em I João 2:6 que: “*Aquele que afirma que permanece nele deve viver como Jesus viveu*”. Em I Pedro 2:21 diz: “*Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos*.” E em João 13:15 é dito pelo próprio Jesus após lavar os pés dos discípulos: “*Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também*”.

PERGUNTAS PARA FIXAÇÃO:

1. Como estava dividida a sociedade da Palestina no primeiro século em relação ao domínio romano e quais eram as diferentes visões dos Zelotes, Herodianos, Saduceus e Fariseus sobre como resolver esse problema?
2. Diante de um governo corrupto e opressivo, qual foi a postura de Jesus em relação às reformas civis e aos partidos políticos de Sua época, conforme descrito no texto e na citação de Ellen White?
3. De acordo com os textos de João 18:36 e Filipenses 3:20, qual é a natureza do Reino de Deus e o que significa, na prática, agirmos na sociedade com o papel de “embaixadores”?
4. O texto afirma que cometemos o mesmo erro dos judeus do passado quando tentamos usar a igreja ou a fé para impulsionar uma agenda partidária terrena. Considerando os versículos sobre “seguir os passos de Jesus” (1 João 2:6 e 1 Pedro 2:21), como a igreja e o cristão individual devem se comportar na sociedade atual sem desviar de sua verdadeira missão espiritual?

A POLÍTICA E O EXERCÍCIO DA FÉ

A neutralidade partidária não significa anarquia ou desobediência civil. Pelo contrário: o conselho profético eleva o padrão de cidadania do cristão. Muitas vezes, quando ouvimos que “não devemos nos envolver em política”, pode parecer que o cristão deve ser alguém alienado, que ignora as leis do país ou que não se importa com a sociedade onde vive. Mas os escritos da nossa irmã Ellen White nos mostram justamente o oposto. Ela equilibra dois conceitos fundamentais: somos cidadãos do Céu, mas temos deveres na Terra.

Jeremias 29:7 diz: “Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os exilei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela”. O texto nos mostra que, mesmo sendo “estrangeiros” e cidadãos do Céu, Deus ordena que os fiéis trabalhem e orem pelo bem-estar da sociedade onde vivem. Tito 3:1-2 ainda diz: “Lembra-lhes que se sujeitem aos governantes e autoridades, que sejam obedientes, e estejam preparados para toda boa obra; que a ninguém infamem, nem sejam belicosos, mas moderados, mostrando toda a mansidão para com todos os homens”. A passagem em questão, reforça a ideia de que o cristão não deve ser um elemento de agitação social ou rebeldia, mas alguém pronto para cooperar com a ordem e fazer o bem.

Viver como cidadão de dois reinos exige sabedoria. Significa que o nosso CPF e o nosso título de eleitor estão registrados aqui, mas o nosso nome está escrito no Livro da Vida. Enquanto estivermos nesta Terra, o bom testemunho do Evangelho exige que sejamos os melhores cidadãos possíveis. Quando Ellen White escreveu que “devemos reconhecer o governo humano como uma ordenação divina”, ela estava vivendo em um mundo cheio de falhas políticas, corrupção e injustiças, assim como o nosso. Ainda assim, ela baseou seus conselhos no princípio bíblico de que a ordem é melhor do que o caos. Sem governos e leis, a sociedade desmoronaria em anarquia, impedindo inclusive a pregação do Evangelho.

Por isso, o cristão não deve ser um elemento de desordem, rebeldia ou agitação social. Nós pagamos impostos, respeitamos as autoridades, cuidamos do patrimônio público e obedecemos às leis de trânsito e sanitárias, não por medo da punição, mas por amor e fidelidade a Deus. Romanos 13:5-7: “Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também por causa da consciência. Por esta razão também pagais tributos. [...] Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra”. Mateus 22:21: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.

A grande chave desse estudo é entender onde termina o dever com a Terra e onde começa a exclusividade com o Céu. A nossa obediência ao governo humano é real, mas ela não é absoluta. Ela tem um limite muito claro: o governo humano tem direito à nossa obediência civil, mas nunca à nossa consciência espiritual.

Se qualquer autoridade terrena criar uma lei que nos obrigue a quebrar os Mandamentos de Deus ou que fira a nossa liberdade de adorá-Lo, a nossa resposta deve ser a mesma dos apóstolos em Atos 5:29: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens”.

PERGUNTAS PARA FIXAÇÃO:

1. O texto afirma que “neutralidade partidária” não significa alienação ou anarquia. Com base nos conselhos de Ellen White e nos textos de Jeremias 29:7 e Tito 3:1-2, como o cristão deve demonstrar que se importa com o bem-estar e a prosperidade da sociedade onde vive?
2. Segundo o texto e o que está registrado em Romanos 13:5-7, por qual motivo profundo o cristão obedece às leis (como pagar impostos e respeitar as autoridades)? Qual é a diferença entre obedecer “por medo da punição” e obedecer “por causa da consciência”?
3. O que o autor quis dizer com a metáfora: “o nosso CPF e o nosso título de eleitor estão registrados aqui, mas o nosso nome está escrito no Livro da Vida”? Como essa visão nos ajuda a equilibrar nossos deveres diários na Terra sem perder o foco na eternidade?
4. A obediência ao governo humano é real, mas não é absoluta. Qual é o limite exato dessa obediência e qual deve ser a postura do cristão (baseada em Atos 5:29) caso uma lei terrena fira a sua consciência espiritual ou os Mandamentos de Deus?

PERIGOS DO ENVOLVIMENTO PARTIDÁRIO

Vivemos, nos dias de hoje, fortes tensões políticas entre partidos. Tais tensões também ocorreram no tempo de Ellen White. Ela percebeu que, quando a política partidária entrava na igreja, os irmãos começavam a se olhar como “adversários” e não mais como membros do mesmo corpo.

“O povo de Deus não deve envolver-se em contendas políticas. [...] Caso contrário, satanás trabalhará para criar divisão e contenda onde deveria haver perfeita harmonia e união. [...] Os pastores ou os membros da igreja não têm o direito de se tornarem campeões de partidos políticos”. FEC, 475; Manuscrito 95, de 1897

Na igreja de Corinto, os irmãos estavam fazendo exatamente o que acontece na política hoje: dividindo-se em grupos, defendendo nomes humanos e olhando uns para os outros com espírito de rivalidade.

“Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo pensamento e em um mesmo parecer”. I Co 1:10

“Porque ainda sois carnais; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnais, e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; não sois porventura carnais?” I Co 3:3-4. (Aplicação: Substitua “Paulo” ou “Apolo” por partidos ou políticos de hoje, e o diagnóstico bíblico continua o mesmo: isso gera carnalidade e divisão).

A política partidária exige que você escolha um lado e passe a enxergar o outro lado com desconfiança ou hostilidade. Se a igreja adota esse comportamento, o púlpito perde o poder de pregar a verdade a todos, e a comunhão é quebrada por paixões humanas passageiras. Tais atitudes afastam o foco da missão espiritual.

A igreja UVM possui um senso de urgência muito claro: pregar as Três Mensagens Angélicas (Apocalipse 14) e preparar um povo para a volta de Jesus. O envolvimento partidário intenso consome tempo, energia emocional, recursos financeiros e foco. Ellen White argumentava que se o povo de Deus gastasse a metade da energia que gasta defendendo ou atacando partidos políticos para pregar o Evangelho, a obra já teria sido concluída. Quando o cristão se foca demais na política, ele corre o risco de começar a achar que a solução para os problemas da humanidade virá de um decreto presidencial, de uma nova lei ou de um candidato específico. Isso substitui sutilmente a bendita esperança da segunda vinda de Cristo por uma utopia política terrena.

Partidos políticos são estruturas humanas e, por isso, inerentemente imperfeitas e falhas. Nenhum partido político na Terra representa 100% dos princípios do Reino de Deus. Se um cristão ou uma liderança religiosa se alia intensamente a um partido “X”, ele tende a fechar os olhos para os erros, a corrupção e as injustiças cometidas por esse partido, ao mesmo tempo em que ataca ferozmente os erros do partido “Y”. O papel do cristão na sociedade é ser uma voz profética. Para manter essa autoridade, ele precisa estar livre. A neutralidade partidária permite que o cristão elogie o que é bom e denuncie o que é injusto em qualquer governo, sem ter que defender “bandeiras partidárias” cegas. Como embaixadores de Cristo, nossa lealdade à justiça divina não pode ser comprada por plataformas políticas.



PERIGOS DO ENVOLVIMENTO PARTIDÁRIO

A Bíblia adverte seriamente sobre o perigo de a igreja se morder internamente por causa de debates e disputas de opiniões.

“Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros”. Gl 5:15. (Análise: Paulo avisa que o espírito de debate agressivo tem o poder de destruir a própria comunidade de fé).

“De onde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites que nos vossos membros guerreiam?” Tg 4:1

“Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra”. II Tm 2:4

O partido do cristão deve ser o Céu. Ao manter a neutralidade, o cristão protege a unidade da igreja, mantém os olhos fixos na missão de salvar pessoas e retém a liberdade de ser uma agência puramente divina em um mundo polarizado. Se a política partidária faz um irmão olhar para o outro como inimigo, ela quebra a lógica de que somos um único organismo vivo em Cristo.

“Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”. I Co 12:25-26

“Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros”. Rm 12:4-5



PERGUNTAS PARA FIXAÇÃO:

1. Fazendo uma aplicação prática de I Coríntios 1:10 e 3:3-4 para os dias de hoje, de que forma a militância por partidos e políticos atuais reproduz o mesmo erro que Paulo combateu na igreja de Corinto? Qual é o diagnóstico espiritual que a Bíblia dá para esse comportamento?
2. Segundo o texto e os conselhos de Ellen White, como o envolvimento partidário intenso sabota a nossa missão de pregar as Três Mensagens Angélicas? De que maneira o foco excessivo na política pode substituir sutilmente a nossa esperança na segunda vinda de Jesus?
3. O texto afirma que nenhum partido político representa 100% dos princípios do Reino de Deus. Por que a neutralidade partidária é indispensável para que o cristão mantenha a sua “voz profética” e a sua independência para elogiar o bem e denunciar a corrupção na sociedade?

O VOTO E A CONSCIÊNCIA CRISTÃ

Precisamos entender que a neutralidade partidária não anula a nossa responsabilidade cívica. Ellen White, no livro **Temperança** (capítulo “O Voto e a Proibição”, seção que trata da responsabilidade política do cidadão), não defende a alienação ou a omissão; ela defende o voto guiado por princípios eternos, e não por paixões humanas ou fanatismo. Quando ela afirma que “há ocasiões em que é justo votar em questões de justiça e temperança”, ela está nos ensinando a olhar para o voto não como uma declaração de amor a um partido, mas como uma ferramenta para promover o bem comum e proteger a moralidade.

A paixão política cega, mas os princípios da Palavra de Deus iluminam as nossas escolhas. O cristão avalia as propostas, o caráter e o impacto das decisões de um candidato sob a ótica dos valores do Reino de Deus.

“Quando os justos governam, o povo se alegra; mas quando o ímpio domina, o povo geme”. Pv 29:2

Este provérbio justifica por que o voto do cristão importa. A liderança de uma sociedade afeta diretamente a vida das pessoas, a liberdade religiosa e o bem-estar social. Portanto, o voto não deve ser um ato impulsivo, clubista ou apaixonado, mas uma escolha consciente voltada para a justiça.

O voto por princípio exige que o cristão não passe pano para os erros de um candidato só porque ele é do “seu partido”. O princípio bíblico nos manda rejeitar o mal e apoiar o bem, independentemente da sigla partidária. Devemos evitar o fanatismo político. Isto acontece quando alguém coloca uma ideologia humana ou um candidato no lugar que pertence apenas a Deus, gerando intolerância e agressividade. Filipenses 4:5 ainda diz: *“Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor”*. Paulo apela à moderação (ou equilíbrio).

O fanatismo político é o oposto da moderação; ele idolatra homens e demoniza quem pensa diferente. O cristão vota com a serenidade de quem sabe que o voto é um dever terreno, mas a sua real esperança está na breve volta do Senhor.

“Sabeis isto, meus amados irmãos; mas todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus”. Tg 1:19-20

O fanatismo gera debates irados e agressões verbais. Tiago nos lembra que a nossa postura deve ser pacífica. O voto do cristão é depositado na urna com discrição e oração, e não com discussões raivosas que destroem o testemunho cristão.

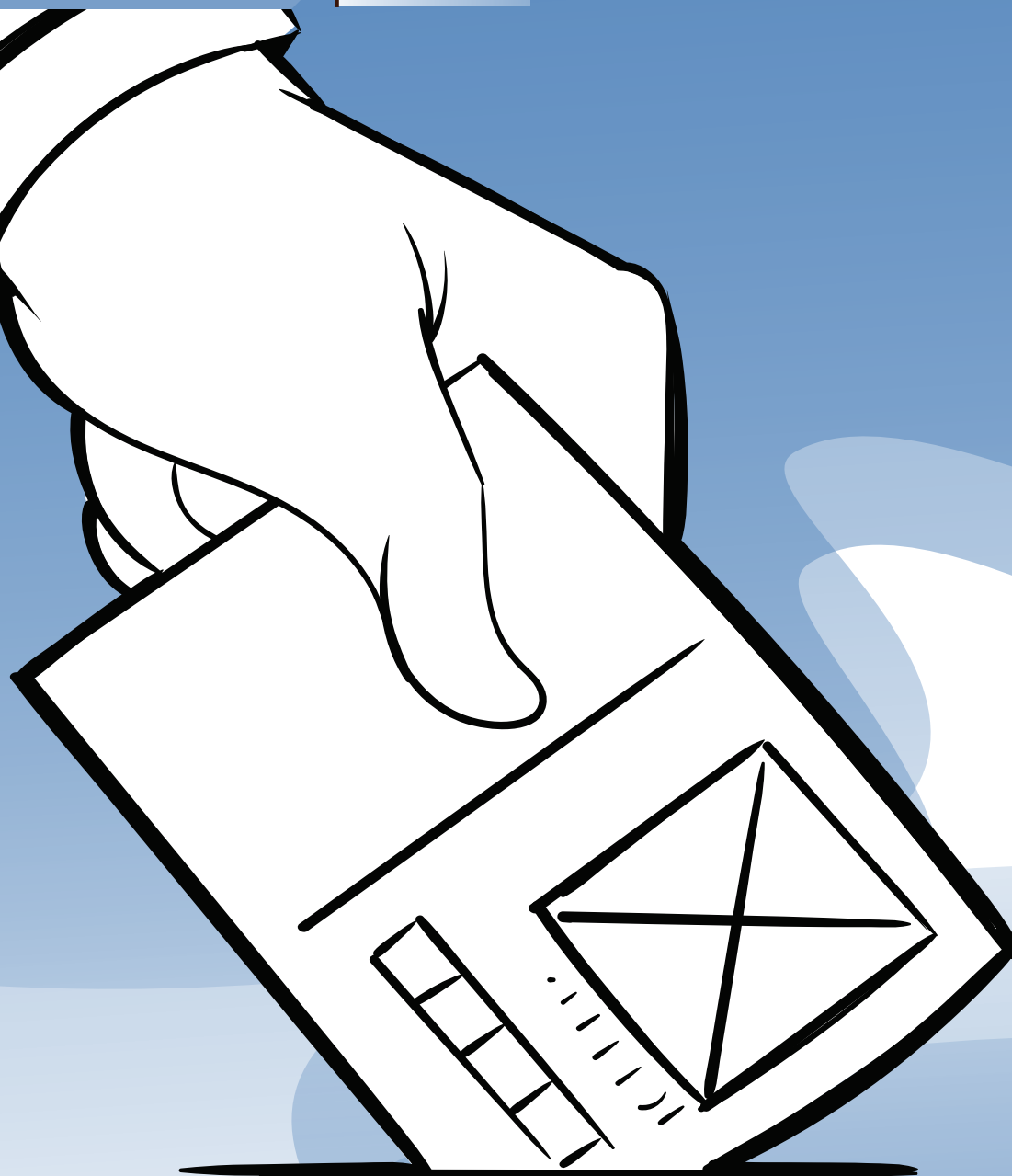
O cristão deve buscar a justiça, a moralidade e o bem comum (A “Temperança”). O termo “temperança” no contexto de Ellen White envolvia muito as leis contra o alcoolismo e a favor da saúde pública e moralidade da época. Hoje, votar em questões de justiça e temperança significa votar a favor da vida, da dignidade humana, da liberdade de culto e do cuidado com o próximo. Miqueias 6:8: *“Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que confesses a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?”* Temperança, Cap. 16: O Voto e a Proibição. O voto é uma extensão desse chamado prático. Na urna, a nossa consciência deve buscar o que promove a justiça social, o alívio dos necessitados e o respeito aos mandamentos de Deus.

Gálatas 6:10: *“Então, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé”*. O voto consciente é uma oportunidade de fazer o bem de forma macro à sociedade. Se uma lei ou um projeto vai proteger as famílias, apoiar os vulneráveis e permitir que o Evangelho continue sendo pregado livremente, o cristão usa seu direito de cidadão para apoiar essa causa justa. O voto do cristão não deve ter cor partidária; deve ter a marca da Palavra de Deus. Votamos para conter o avanço do mal e promover a ordem, sabendo que nenhum governo humano é perfeito, mas que a nossa cidadania terrena deve sempre honrar o nosso passaporte celestial.

PERGUNTAS PARA FIXAÇÃO:

1. Jesus se aliou a algum dos partidos políticos ou movimentos revolucionários de Sua época na Palestina? Qual foi a resposta d'Ele a Pilatos sobre a natureza do Seu Reino?
2. Qual é a diferença prática entre o dever político do cristão como cidadão individual e o papel da igreja corporativamente (no púlpito e nas programações)?
3. O cristão deve obedecer às leis e autoridades humanas sempre. Mas em qual situação específica essa obediência deixa de ser obrigatória, com base em Atos 5:29?
4. Por que a militância partidária ferrenha dentro da igreja prejudica a pregação do Evangelho e destrói a unidade descrita na metáfora do “Corpo de Cristo”?

17/08/2026 – 4 de Elul
Pr. Jônatas Jardim



A INDEPENDÊNCIA PROFÉTICA DA IGREJA DIANTE DO ESTADO

A igreja não deve ser nem oposição cega e nem linha de frente de nenhum governo; seu papel é ser uma voz profética. Para manter a autoridade de elogiar o bem e denunciar o mal, a igreja e o cristão precisam manter total independência de favores, cargos ou alianças políticas. Lucas 3:19-20 e II Samuel 12: João Batista confrontou publicamente o governante Herodes por causa de sua imoralidade, o que lhe custou a prisão. Da mesma forma, o profeta Natã confrontou o Rei Davi por seu pecado. Eles não eram militantes políticos, mas vozes da verdade de Deus.

Se o cristão ou a igreja se tornam “sócios” de um político, eles perdem a liberdade e a moral para denunciar os erros e as injustiças cometidos por esse mesmo político. A Bíblia ensina que a nossa unidade em Cristo é infinitamente mais importante do que as nossas preferências sobre como a sociedade deve ser administrada economicamente ou civilmente.

Em Romanos 14: Paulo lida com opiniões divergentes na igreja e traz uma regra de ouro: “Aceitem o que é fraco na fé, sem discutir assuntos controvertidos [...] Quem é você para julgar o servo alheio?”. Ele conclui no verso 19: “Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz e à edificação mútua”. Na mesa de Jesus sentavam-se juntos Mateus (um cobrador de impostos que trabalhava para o Império Romano) e Simão, o Zelote (membro de um grupo político radical judeu que combatia o Império Romano). A fé em Cristo uniu o que a política da época separava.

É necessário ter cuidado com os “falsos profetas” da política. Existem políticos e líderes que usam o nome de Deus, jargões religiosos e a estrutura da igreja apenas para manipular os crentes e conseguir votos. É o uso do “santo nome em vão” para conquistar poder terreno. Em Mateus 7:15 e II Pedro 2:3, Jesus adverte: “Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores”. Pedro acrescenta que tais líderes, “em sua ganância, os explorarão com histórias que eles mesmos inventaram”. O cristão precisa desenvolver discernimento espiritual para não ser usado como massa de manobra por discursos moralistas que, na prática, não vivem os frutos do Espírito Santo.

8%

65%

34%

2%

PERGUNTAS PARA FIXAÇÃO:

1. O que acontece com a liberdade e a moral da igreja para denunciar erros e injustiças se ela se tornar “sócia” de um político ou de um governo?
2. Por que figuras bíblicas como João Batista e o profeta Natã conseguiram confrontar governantes (Herodes e Davi) sem serem considerados militantes políticos?
3. Como o exemplo da convivência entre Mateus (cobrador de impostos para Roma) e Simão, o Zelote (revolucionário anti-Roma), prova que a fé em Cristo está acima das divisões políticas?
4. Qual é a principal estratégia usada pelos “falsos profetas” da política para manipular os crentes e o que o cristão precisa desenvolver para não virar massa de manobra?

A ARMADILHA DE TENTAR ALISTAR DEUS EM UM LADO POLÍTICO

Um dos maiores erros nas disputas políticas é a tentativa de carimbar um partido ou ideologia como “o partido de Deus”, alegando que o Senhor está do nosso lado e contra os nossos opositores. No livro de Josué, há um episódio emblemático em que o líder de Israel encontra o comandante do exército do Senhor antes de uma grande batalha e faz uma pergunta tipicamente humana:

“Ele se aproximou dele e perguntou: 'Você é dos nossos ou dos nossos inimigos?' 'Nem uma coisa nem outra', respondeu ele. 'Venho como comandante do exército do Senhor.' Então Josué prostrou-se com o rosto em terra, em sinal de respeito [...]”. Js 5:13-14

A resposta do mensageiro celestial é profunda: Deus não se alista em projetos de poder humanos. Ele não é de “esquerda” nem de “direita”. Não são os planos de Deus que devem se adequar às nossas agendas políticas; somos nós que devemos nos prostrar e nos alinhar à soberania e à justiça do Reino d'Ele.

As disputas políticas terrenas são travadas com as ferramentas do mundo: difamação, debates agressivos, busca por poder, manipulação da opinião pública e cancelamentos. O cristão que mergulha nessas discussões usando as mesmas táticas do mundo viola a orientação apostólica sobre a natureza da nossa verdadeira batalha:

“Pois, embora vivamos no mundo, não lutamos segundo os padrões do mundo. As armas com as quais lutamos não são humanas (carnais); ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas”. II Co 10:3-4

Misturar a fé com a lama das disputas políticas faz com que o cristão troque as armas do Espírito — como o amor, a paciência, a bondade, a mansidão e o domínio próprio (Gálatas 5:22-23) — pela agressividade da militância partidária.

Quando a fé é atrelada a uma vertente política, cria-se uma barreira invisível, mas real, para a pregação do Evangelho. Se uma pessoa associa a igreja ao partido “A”, qualquer indivíduo que simpatize com o partido “B” se sentirá rejeitado ou hostilizado naquele ambiente, fechando os ouvidos para a Palavra de Deus. Paulo entendia que o Evangelho precisava romper barreiras ideológicas e culturais para alcançar a todos:

“Fiz-me tudo para com todos, para por todos os meios salvar alguns. E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele”. I Co 9:22-23

O cristão deve reter sua independência política justamente para manter sua autoridade profética. Se nos tornamos defensores cegos de um governo ou partido, perdemos a liberdade de elogiar o que eles fazem de correto e, principalmente, de denunciar com base na Bíblia os seus erros, injustiças e desvios morais. O cristão vota por princípios e exerce sua cidadania com responsabilidade social, mas guarda seu coração do fanatismo. A fé guia a nossa moralidade, mas a nossa espiritualidade nunca deve ser usada como combustível para alimentar as fogueiras das vaidades e disputas

PERGUNTAS PARA FIXAÇÃO:

1. Diante da pergunta de Josué sobre de qual lado ele estava, o que a resposta do comandante do exército do Senhor (Josué 5:13-14) nos ensina sobre Deus e os projetos de poder humanos?
2. De acordo com II Coríntios 10:3-4, por que o cristão comete um erro espiritual ao usar as mesmas táticas das disputas políticas terrenas (como a difamação e debates agressivos)?
3. Por que o cristão precisa reter sua independência política em vez de se tornar um defensor cego de um governo ou partido?

O ALVO DA IGREJA: SALVAR ALMAS, NÃO REFORMAR IMPÉRIOS

A última ordem de Jesus para a Sua igreja não foi um manifesto de engajamento político ou uma estratégia de tomada de poder civil. Foi a Grande Comissão, um chamado focado na transformação espiritual do ser humano por meio do arrependimento e do discipulado.

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei”. Mt 28:19-20

A política tenta mudar a sociedade de fora para dentro (através de leis, decretos e estruturas de força). O Evangelho muda a sociedade de dentro para fora (transformando o coração do indivíduo). Quando a igreja foca na política, ela abandona a única ferramenta capaz de regenerar a natureza humana: o Espírito Santo. O erro de trazer a militância e o debate político para dentro do ambiente eclesástico é errar o alvo do verdadeiro inimigo.

A Bíblia nos ensina que as nossas reais trincheiras não estão em Brasília, em palácios governamentais ou contra partidos de oposição.

“Pois a nossa luta não é contra pessoas de carne e sangue, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais”. Ef 6:12

Quando a igreja se politiza, ela passa a tratar seres humanos (ideologicamente divergentes) como “inimigos a serem destruídos”. O apóstolo Paulo nos lembra que as pessoas não são o inimigo; elas são o campo missionário.

Jesus viveu sob o peso de um império opressor e pagão (o Império Romano) e cercado por severas injustiças sociais e corrupção religiosa. A expectativa de muitos de Seus seguidores era que Ele assumisse o papel de um Messias político e libertador nacional. No entanto, Jesus recusou categoricamente todas as tentativas de ser coroado rei terreno ou de se envolver nas revoltas da época.

“Jesus, sabendo que pretendiam proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte”. Jo 6:15

Se o próprio Cristo não usou Seu planque e Sua influência para estabelecer reformas políticas e derrubar César, por que a igreja gastaria suas energias tentando fazer isso? O foco de Jesus sempre foi o coração humano e o Reino dos Céus. Seguir o Seu exemplo significa priorizar as necessidades espirituais e eternas das pessoas. O apóstolo Paulo usa a metáfora militar para orientar o jovem pastor Timóteo sobre a postura de liderança e o foco que um ministro do Evangelho deve manter.

“Nenhum soldado em serviço se deixa envolver (embaraçar) em negócios da vida civil, porquanto o seu objetivo é agradar àquele que o alistou”. II Tm 2:4

A política partidária é, por definição, o ápice dos “negócios da vida civil”. Ela exige alianças, concessões, debates inflamados e defesas apaixonadas. Quando a igreja se “embaraça” nessas tramas, ela perde a clareza de sua visão espiritual e passa a servir a dois senhores, comprometendo sua mensagem profética. O cristão, individualmente, como cidadão, tem o direito e o dever de votar guiado por seus princípios de justiça e moralidade. Contudo, a igreja, corporativamente — no púlpito, na escola sabatina e em suas programações — deve erguer apenas uma bandeira: o estandarte do “Evangelho eterno”. O púlpito é sagrado demais para ser cedido a interesses terrenos.



PERGUNTAS PARA FIXAÇÃO:

1. Qual é a diferença fundamental entre a estratégia da política para mudar a sociedade e a estratégia do Evangelho, segundo o texto
2. Com base em Efésios 6:12, por que o ativismo político faz a igreja errar o alvo em relação ao seu verdadeiro inimigo e como ela passa a enxergar as pessoas que pensam diferente?
3. Diante da opressão do Império Romano, qual foi a atitude de Jesus descrita em João 6:15 quando tentaram proclamá-lo rei à força?
4. O que a orientação de Paulo em II Timóteo 2:4 (sobre o soldado não se embaraçar com os negócios da vida civil) nos ensina sobre o papel corporativo da igreja diante da política partidária diante da política partidária?